

Luís Fulano de Tal

A noite dos Cristais (trechos)

Sou estudante de línguas, faço francês.

– Para saber bem uma língua estrangeira é necessária a convivência com seus nativos, dizia o professor. Como não posso passear na França e nem no Canadá, fui para Caiena nas Guianas. É mais barato, muito mais próximo e faz calor.

Sou professor, e assim, após quatro anos de uma economia de guerra, comprei as passagens. Tirei férias no trabalho e depois de cinco dias de viagem de ônibus e mais algumas horas de tapuia, desembarquei em Caiena.

Por ser um sujeito moderado instalei-me numa casa de pensão, um velho casarão de dois andares. Meu quarto ficava no segundo piso e aos fundos, de onde eu via por cima uma baixa construção em L, com uma cozinha e outros quatinhos para alugar.

A proprietária, Madame Mary, era uma velhota de setenta e oito anos de vida e alegria. Era pequena, de cabeça grisalha, com calvas aqui e ali. Usava óculos fortes e quando falava olhava por sobre as lentes. Enrugada, tinha uma corcunda e as unhas dos pés e mãos enclacradas. Gostava de papear l' quando ria, fazia saltitar o ventre e os olhos lacrimejavam.

Seu esposo, senhor Bénédic, era também uma pessoa muitíssimo interessante. Tinha mais de noventa anos, andava com muita dificuldade, era magro, cabeçudo, e estava sempre vestido com roupas que certamente não eram suas.

Homem expansivo, fumava quando lhe davam, bebia café, tocava violão e ainda cantava.

Algumas noites depois do jantar, nos reuníamos na cozinha dos fundos, de onde eu via melhor os outros quartos. O primeiro era ocupado por um trabalhador do comércio que retornando no fim do dia passava ligeiro, murmurando um boa noite, entrava em seu quarto, fechava a porta, deitava-se e ligava o rádio em alto volume. Ao lado morava um músico que tocava na noite e dormia de dia. O outro era ocupado por um jovem Hmong que fazia questão de não conversar. Havia um último, o menor, desocupado.

Falávamos de tudo nas reuniões, inclusive do tempo. Uma noite Bénédic perguntou-me qual era a razão de minha viagem. Eu disse que queria saber bem a língua francesa, que gostava de ir a lugares desconhecidos e de conhecer outras culturas.

– Fala outras línguas? Perguntou-me. Disse-lhe que já estudara um pouco de espanhol, inglês, italiano e até de russo, riu, mas falar só falo francês.

Naquele momento apresentava um olhar vago sem direção, como se procurasse imagens no passado. Disse de repente:

– O Brasil é um grande país.

– Sim, respondi, são oito milhões de quilômetros ...

Depois de urna semana de conversas regadas a café, cigarros e lembranças, já éramos amigos. Uma tarde conversávamos, e repentinamente, como se se livrasse de um grande peso na consciência, disse: – tenho comigo um maço de papéis que penso te interessem muito.

– É verdade? Por quê?

– São escritos feitos por um negro fugitivo do Brasil. Uma vez li um trecho, estão em português, mas parecem ser nomes de ruas ... de pessoas ... não sei bem... acho que são lembranças, não?

Perguntei onde estavam, comigo, respondeu e continuou mastigando as palavras, parece que meu pai conheceu esse homem aqui em Caiena, nunca me disse exatamente, antes de morrer pediu que eu os guardasse. Eles jamais me foram úteis, ri, não tenho mais ninguém no mundo, então eu os passo para você. Aflitíssimo, perguntei pelos papéis.

– Venha comigo.

Fomos até o seu quarto que era no térreo em frente ao banheiro. Havia uma cama encostada à janela, coberta com uma colcha de retalhos e abarrotada de roupas. Ao lado dela um sofá azul escuro, grandalhão, com braços de madeira e recheado de molas e algodão. Benédicte seguia com seus passos trôpegos, demonstrando todo o esforço de suportar o peso de seu quase século. Apoiava-se nas paredes, que um dia foram rosas e nos móveis escuros e pesados, ricos de detalhes, torneios, frisos e contornos. Com grande dificuldade sua mão demente abriu um armário que, como ele, rangia das articulações. Estava entupido de roupas que emanavam um aroma misturado à frieza de quase bolor.

Tudo ali recendia a passado. Vasculhou nos bolsos de um paletó retirou um maço de papéis, sentou-se arquejante, deu-me e disse: – Leia.

Peguei os papéis, voei para o meu quarto, abri, li e tremi de emoção. Eram anotações, rascunhos e desenhos. Não tinham datas e estavam em desordem. Havia nomes de pessoas de lugares, de pratos, de frutas, e até de embarcações. Ainda outros nomes, orações e várias outras anotações dispersas e desconexas.

Eram as lembranças de Gonçalo, um homem que vivera no Brasil à época da escravidão e que um dia fugira para Caiena.

Não tenho mais os papéis comigo, foram tirados de mim por circunstâncias alheias à minha vontade. Tentarei reproduzir com exatidão tudo o que li, algumas passagens são produto do que a leitura reteve, outras, a maioria, correm por conta da imaginação.

Assim, quem os ler poderá também fazer uma releitura seu gosto.

Eu acredito em Deus.

Por que resolvi escrever? Porque quero que saibam que em um passado não distante, homens vendiam outros homens, e que o futuro saiba que houve um tempo onde homens se sentiam mais humanos que outros.

Escreverei ao sabor das recordações, não me preocuparei com datas, que já me fogem. Tentarei resgatar momentos de minha infância e juventude, que foram as épocas mais doces de minha vida.

Meu nome é Gonçalo Santanna. Nasci na cidade de São Salvador, capital da província da Bahia, Brasil, em 18 ...

Filho natural e único de Amaro Santanna e de Flora Maria. De meus avós conheci somente a mãe de minha mãe, Ombutchê, nagô e velha como o passado.

Meu pai Amaro era um homem de mais de cinquenta anos, da nação haussá, alto, com braços e mãos fortes e de cabeça pequena num rosto quase quadrado. Tinha os olhos grandes, o nariz achatado e os lábios grossos. Seus largos ombros possuíam três marcas; uma da tradição de seu povo, uma segunda de quando foi vendido na África, e outra que recebeu quando desembarcou de um negreiro no Brasil.

Conhecera a escravidão aos dez anos de idade. Em uma manobra de guerra, quando os homens haviam partido para a luta, sua aldeia foi invadida por inimigos acompanhados de homens brancos.

Mulheres e crianças foram presos, acorrentados e levados até o mar, onde eram colocados em grandes fortalezas de pedras, Ajuda, ele dizia. Permaneceu ali vários dias. Em uma madrugada foi colocado com os outros no porão de um navio, fez uma viagem de mais de sessenta dias e chegou quase morto ao Brasil. Foi vendido, e como era um menino e estava debilitado, trabalhou nos afazeres domésticos. Vendido novamente trabalhou vários anos nas plantações de tabaco do Recôncavo. Depois como escravo de ganho, trabalhou como carregador de palanquins.

Uma vez na Ladeira da Montanha em seu trabalho de carregar nos ombros fornidos senhores vermelhões, sofreu um acidente que lhe provocou um defeito na perna esquerda. A partir daí ficou impossibilitado para aquele tipo de função. Então foi trabalhar para um português rico que tinha comércio na cidade baixa. Aprendera a ler e escrever, assim, auxiliava no controle e expedição de fumo, tecidos, aguardente, ferragens e iguarias, que eram comercializados com a costa da África. Trabalhou ali por mais de vinte anos, economizando cada pataca, e assim pôde comprar sua carta de alforria. Dizia sempre que um homem deveria vencer na vida por seu próprio trabalho e suor.

Finalizava, dizendo:

– Filho, só o conhecimento liberta.

Fora instruído no Alcorão, que ele renegava devido à traição, e não aceitava o catolicismo, que abençoara sua escravidão.

Com a carta saiu do comércio e foi trabalhar no Jornal da Bahia. Organizava os pesados tipos de chumbo, carregava galões de tinta, fardos de papel e limpava o chão e as máquinas. No fim do dia, sempre com um jornal debaixo do braço, vinha claudicando, subia as lajes da Rua da Oração e entrava na Rua das Laranjeiras. Quando o avistava de longe, eu corria afogueado para os seus braços, ele me recebia com um abraço e me colocava nos ombros. Eu gostava de ver o mundo lá de cima, me dava o jornal e dizia rindo, quer ler as notícias? Sempre tinha um confeito escondido nos bolsos, perguntava:

– Fez a lição hoje?

Nada tinha de valor material na vida a não ser aquela carta amarelada e com um timbre. Várias vezes com orgulho me mostrara e dizia que ela fora o preço de sua liberdade.

Casou-se tarde com minha mãe alegando que, enquanto fosse escravo, não teria filhos e que jamais seus filhos seriam escravos como ele fora um dia. Disse-me uma vez:

– Você, meu filho, talvez não compreenda por ser uma criança, mas você é muito rico, porque é livre. A carta dizia:

– ...Como tabelião e provedor do Senhor Emídio Paterno de Sant'Anna, recebi do negro Amaro, da nação haussá, cento e cinquenta mil réis em dinheiro, sorna fixada e paga, pela qual eu lhe concedo a liberdade, que poderá gozar a partir de hoje e para sempre; solicito às Justiças de Sua Majestade Imperial e Constitucional que lhe preste toda a ajuda necessária para a conservação dessa liberdade e para sempre, declaro passar-lhe a presente feita e assinada por mim. Bahia, 18 ...

[...]

(*A noite dos cristais*, p.19-24)

Nos depoimentos de meu pai para que ele fizesse leituras trouxeram brochuras e tábuas islâmicas chamadas atôs. Ele confessou então que recebera ensinamentos islâmicos em sua infância e que devido aos longos anos de afastamento, não lembrava de mais nada na temida língua. Dizia também que não na praticante do Islão, e que sua memória já não ajudava mais.

– Você é católico, nego?

– Sou não senhor.

– Esse nego é metido a ler, tá sempre com jornal debaixo do braço. Na casa dele tinha dois livros. Não sei porque estas pestes se metem com leituras.

Um cutucão. – Leia macaco!

Meu pai num esforço de memória, tentava traduzir trechos dos escritos, lia alguns fragmentos, subia, voltava e repetia palavras soltas de versículos:

... oh misericordioso oh clemente... oh misericordioso... oh clemente... só a ti adoramos... oh misericordioso... no dia do juízo... es está... detrás deles... sua... sua ciência seu trono... em... em nome... de Deus... salve... nem... nem sono...

Pressionado pelas autoridades que ansiavam pela identidade de novos revoltosos, cada vez mais sua tentativa de leitura se fragmentava.

Tinha contra si a visita noturna de Mala Abubakar, rmentor da tentativa de revolta. A sua não habilidade nas leituras das tábuas sagradas foi interpretada como maliciosa, e como tática para safar-se dos inqueritos e processos. Foi levado para o calabouço.

Foi trazido em seu lugar um preto de nome Albino, escravo de um advogado, que sabia ler e escrever na complicada língua arabesca e não estava envolvido com os insurrectos. Sob juramento e na presença das autoridades leu mais detidamente os atôs:

*... do mal tentador furtivo
que sopra no peito dos homens ...*

*... deveras já chegou a vós
um enviado de entre vós...
.. livro explícito e ele
tem as chaves do ocultado,
ninguém as conhece...*

Deu informações sobre costumes e modos islâmicos, falou das orações e da fé.

Existiam os limanos, espécie de bispos; os ladames, seus secretários; e os alufás que eram sacerdotes e havia ainda os sagabamos, que eram imediatos dos juízes, os alikalís.

A suma era o batismo de aceitação e todo iniciado fazia a kola, uma circuncisão. As preces ou kissiuns eram feitas pelos Assivajus ou mestres de cerimônias e as tintas das tábuas eram feitas de arroz queimado.

Para não despertar suspeitas as orações eram sempre feitas em locais diferentes, pela manhã, ao meio-dia, à tarde e ao anoitecer. O que eles chamavam de acubá, ai-lá, ay-á e alimangariba, respectivamente.

Começam as execuções e castigos. Os líderes do movimento tinham penas variadas; no grau máximo a morte; no grau médio, galés em perpétua, e no grau mínimo quinze anos de galés.

Todos os mestres e professores de letras árabes foram condenados. Os corretivos eram aplicados em praça pública para exemplar os demais. Inauguraram um patíbulo na Rua da Força e pelourinhos extras em Água de Meninos, no Campo Grande e no Campo da Pólvora.

As penas foram cumpridas à risca.

[...]

No dia três de março um Decreto era publicado jornal:

“...fez sair do território brasileiro todos os africanos libertos perigosos para nossa tranqüilidade. Tais indivíduos, não tendo nascido no Brasil, possuem uma língua, uma religião e costumes diferentes e tendo se mostrado inimigos de nossa tranqüilidade durante os últimos acontecimentos, não devem gozar das garantias oferecidas pela constituição unicamente aos cidadãos brasileiros...”

Naquele mesmo mês, a goeleta Ninrod, financiada pelo governo inglês, zarpou para a África, levando os muçulmanos, nos da Bahia, perigosos à tranqüilidade pública.

Para indenizar o Império por perdas e danos fui resgatado como escravo e vendido junto com outros escravizados para os engenhos de Pernambuco.

Meus pais partiram para a África; já no cais acenando senti o tilintar das correntes. Iniciava-se uma nova fase em minha vida.

Pela primeira vez senti o peso da palavra escravidão.

(A noite dos cristais, p.91-94)